



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade Ciências da Educação – FACE
Curso de Pedagogia – Formação de professores
para Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

PAULA ARAGÃO HASTENREITER DE SOUZA

AVALIAÇÃO: UM CAMINHO PARA A APRENDIZAGEM

Brasília

2007

PAULA ARAGÃO HASTENREITER DE SOUZA

AVALIAÇÃO: UM CAMINHO PARA A APRENDIZAGEM

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília – UniCEUB como parte das exigências para a conclusão do curso de Pedagogia – Formação de Professores para Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Orientadora: Professora Dra. Maria da Glória Noronha Serpa

Brasília

2007

Dedico à minha família, em especial aos meus pais que me deram mais uma oportunidade de estudo e que estiveram ao meu lado nesta caminhada.

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para concluir mais uma caminha, aos meus pais e amigos que estiveram ao meu lado e acreditaram no meu potencial. Agradeço também a minha orientadora Maria da Glória Serpa pela dedicação e paciência.

“A imensa montanha do conhecimento é formada por minúsculos grãos, que vão sendo colocado um após o outro, interminavelmente”.

(Autor desconhecido)

RESUMO

A presente pesquisa é uma reflexão sobre a temática da avaliação da aprendizagem desenvolvida nas séries iniciais do ensino fundamental da escola particular, objetivando em linhas gerais analisar como acontece atualmente a avaliação da aprendizagem nas escolas das séries iniciais. Para tanto, teve como estudo teórico Lukesi (2003), PCNs (1997), Libâneo (1994), Sousa (1991), Romão, (1998), Rabelo (1998), Salinas (2004) Hoffmann (2000), Ferreira (2004), Cordeiro (2007) Silva (2003) entre outros que elaboraram teorias sobre concepções e processos de avaliação. Realizou-se também uma pesquisa de campo em uma escola particular. Participaram da pesquisa cinco professores. Em síntese, pode-se concluir que a maioria dos professores parece ainda orientar-se pela perspectiva de uma avaliação crítica concebida com um juízo de valores sobre o processo de aprendizagem e, assim, busca avaliar seus alunos diariamente por meio de diversas atividades e com diferentes instrumentos. Há, contudo, alguns professores que ainda buscam maneiras tradicionais de avaliar seus alunos parecendo recair na perspectiva quantitativa de medida de conhecimentos. Sendo a avaliação um tema de grande importância no processo ensino-aprendizagem, recomendamos, diante dos resultados, uma ampliação da pesquisa desta temática, a fim de se orientar e utilizar a avaliação de maneira contínua e sistêmica.

Palavras-chave: avaliação, aprendizagem, alunos, professores e educação.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	08
1 Introdução	08
1.1 Contextualização do problema	08
1.2 Delimitação do problema	09
1.3 Justificativa	09
1.4 Objetivos	10
Geral	10
Específico	10
 CAPÍTULO II	 11
2 Referencial teórico	11
2.1 Aspectos históricos e conceituais da avaliação da aprendizagem	11
2.2 A avaliação na sala de aula: problemas e perspectivas	12
2.3 A avaliação da aprendizagem na proposta curricular	15
2.4 Tipos e funções da avaliação da aprendizagem	16
 CAPÍTULO III	 18
3 Aspectos metodológicos da pesquisa	18
3.1 Natureza da pesquisa	18
3.2 Local e participantes da pesquisa	19
3.3 Procedimentos metodológicos para a coleta dos dados	19
 CAPÍTULO IV	 21
4 Apresentação e discussão dos resultados	21
 CAPÍTULO V	 30
5 Considerações finais	30
 6 Referências Bibliográficas	 32
 7 Apêndice	 34

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização do problema

Avaliação é um termo muito antigo, mas com ainda muitos questionamentos e dificuldades em sua aplicação nas escolas.

Quando se fala em avaliação na escola, logo se lembra de provas, testes, trabalhos ou “pesquisas” que os professores atribuem notas e menções. Lembra-se também, a boletim, aprovação, reprovação e recuperação, o que, na realidade não é dessa maneira que deveria acontecer. Na verdade, a avaliação deve acompanhar todo o processo de aprendizagem do aluno. De fato para Ribeiro (2002) o termo avaliação na escola, “é utilizado constantemente em sala de aula, mas com o objetivo de se referir as provas ou para classificar os alunos de alguma maneira” (p.58).

A aprendizagem é um processo constante, que dura a vida inteira. Tem início, muito antes da criança entrar na escola. Quando a criança entra na escola começa a aprendizagem formal, ou seja, escolar. Com ela vem uma bagagem de conhecimentos que adquiriu em seu meio e com a sua família. É de fundamental importância que o professor aproveite essa bagagem de conhecimentos para o crescimento dessa criança.

Segundo Salinas (2004) “avaliação é um processo abrangente em que se considera o desenvolvimento do aluno no que se refere à aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes”. Ela deve ser feita constantemente e não se delimitar a verificação de conceitos, valorizando-se apenas definições e significados. É um processo contínuo que, na escola, deve ter início no primeiro dia de aula e estar presente em todas as atividades dentro e fora da sala. O problema está em saber como os professores, em geral, concebem a avaliação da aprendizagem e como a realizam.

Parece-nos estudiosos do assunto que com o tempo os educadores perceberam que a avaliação não ocorria somente dessa maneira. Silva (2003) confirma esta tese dizendo que se está vivendo em tempos de diversas modifi

cações e que é preciso buscar novas práticas para aplicar em sala de aula para que se possa acompanhar as devidas mudanças, mudanças que são refletidas também no modo de avaliar. Estão realmente os professores conscientes desta questão?

Diante dessas considerações, esta pesquisa busca melhor compreender a avaliação da aprendizagem na escola, para sua melhoria.

1.2 Delimitação do problema

Diante do exposto, o desenvolvimento da pesquisa se norteia ao redor de alguns questionamentos que deverão ser respondidos ao final do trabalho, tais como:

Que concepções de avaliação passam pelo pensamento prático dos professores? Há mudanças em relação a esse conceito ao longo história da educação?

Como a avaliação é aplicada pelos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental?

Que alternativas existem para a melhoria do processo de avaliação das escolas?

1.3 Justificativa

Partindo do princípio de que a pesquisa deve estar inserida na vida do professor, que é através dela que se pode amenizar diversos problemas em sala e que produz novos conhecimentos e questionamentos. Fiz a escolha por este tema pela sua importância, relevância e por questionamentos que surgem em sua prática em sala de aula.

Acredita-se que a pesquisa ajudará o professor em seu crescimento tanto em sua formação em sala de aula como em sua vida pessoal, acrescentando muito na formação de seus alunos.

Diante dessas situações, a avaliação da aprendizagem é uma questão que precisa ser aprofundada pelos professores, tendo em vista, a importância da mesma sobre o processo de ensino e aprendizagem e na melhoria da educação.

Refletir sobre formas avaliativas é, portanto necessário, visto a importância da escola transmitir o saber sistematizado e avaliar não apenas o aluno, mas também, o desenvolvimento do trabalho do professor e também de todos aqueles que dele participam.

Assim, uma pesquisa dessa natureza sugere relevância, podendo possibilitar a proposição de novas alternativas de avaliação, clarear conceitos preestabelecidos e sugerir novos, sempre indicando como norte, a melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

1.4 Objetivos

OBJETIVO GERAL

Analisar como acontece atualmente a avaliação da aprendizagem nas escolas das séries iniciais do Ensino Fundamental, com vistas a oferecer subsídios que possam colaborar com o processo educativo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Verificar a prática dos docentes com relação a avaliação da aprendizagem.

Identificar as concepções de avaliação que norteiam as práticas docentes.

Fornecer subsídios teórico-práticos aos profissionais da educação para o processo de avaliação da aprendizagem.

CAPÍTULO II

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A maneira que a sociedade entende o ensino e a escola vem passando por grandes transformações nas últimas décadas e, com isso, torna-se cada vez mais urgente rediscutir e modificar os procedimentos da avaliação.

Para Cordeiro (2007):

Até algum tempo atrás, a escola cumpria um papel claramente seletivo, as práticas da avaliação nesse tipo de escola eram coerentemente voltadas para a criação ou reforço de hierarquias e de classificação de indivíduos. (p. 143)

Segundo Ferreira (2004, p. 40), vivemos em época de rápidas mudanças, e o “novo” surpreende a cada dia, mas a prática pedagógica acompanha a passos lentos esse contexto, e a avaliação da aprendizagem caminha mais lentamente ainda.

Para Hoffmann (2000), a maior polêmica que se cria hoje em relação a uma perspectiva inovadora da avaliação, diz respeito à questão melhoria da qualidade de ensino. Muitos fatores dificultam a superação dessa prática tradicional.

A concepção de avaliação que marca a trajetória de alunos e educadores, até então, é a que define essa ação como julgamento de valor dos resultados alcançados. (p. 15)

Werneck (citado por Ferreira, 2004) afirma que o processo de mudança não é fácil porque qualquer mudança exige trabalho, convicção, suporte econômico e muita vocação.

Para Ferreira (2004 p. 40):

A cultura avaliativa do atual contexto escolar concebida como fim e não como um meio para viabilizar o processo educativo, ocupa papel central sobrepondo-se à própria aprendizagem, por isso que ainda existe muita resistência à mudança por parte de professores, pais,

alunos, escola e o próprio sistema escolar, que criam obstáculos para as propostas inovadoras de avaliação.

O autor continua afirmando que a prática da avaliação no cotidiano escolar pouco tem a ver com o verdadeiro sentido da avaliação. Usamos a denominação avaliação, mas nos valem de provas e testes, por serem mais fáceis de serem executados.

Segundo Luckesi (2003, p.11) passamos a denominar a prática escolar de acompanhamento da aprendizagem do educando de “avaliação da aprendizagem escolar”, mas na verdade, continuamos a praticar “exames”.

Luckesi (2003) diferencia avaliação da aprendizagem de exames escolares, onde os exames têm como objetivo julgar (aprovar ou reprovar), sendo pontual, classificatório, seletivo, estático, antidemocrático e que fundamenta uma prática autoritária; a avaliação da aprendizagem tem por objetivo diagnosticar, é processual, não classifica o educando em um determinado momento, é inclusiva, democrática e exige uma prática pedagógica dialógica.

A avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo, equivocadamente, sendo a tirania da prática educativa, que ameaça e submete a todos. (Luckesi 2003 p.31)

Destaca ainda o autor que a avaliação da aprendizagem é como um recurso pedagógico útil e necessário para auxiliar cada educador na busca e na construção de si mesmo e do seu modo de ser na vida.

2.2 A AVALIAÇÃO NA SALA DE AULA: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS

Segundo Luckesi (2003, p.72), a avaliação da aprendizagem constitui-se de conceitos e práticas que só podem existir se estiverem articulados com uma Pedagogia Construtivista, ou seja, articulados com uma pedagogia que esteja atenta ao ser humano como um ser em movimento, em construção permanente.

Para Rabelo (1998, p.12), a avaliação da aprendizagem deve estar presente em todos os momentos da aprendizagem e não somente em provas e testes e, neste sentido, ele afirma que:

A avaliação é utilizada como um instrumento de *feedback*. O *feedback* é a troca, o retorno de algo que foi dito ou transmitido, onde há uma interação entre professor/aluno. O processo da avaliação acontece como elemento integrador e motivador e não como um instrumento de ameaça, pressão ou até mesmo terror. Na sala de aula a avaliação abrange o desempenho do aluno e do professor.

Sobre esse assunto, Silva (2003) afirma que os professores precisam reconstruir suas posturas em relação à avaliação e romper com a cultura da memorização, classificação, seleção e exclusão. Mesmo muitos professores buscando uma nova avaliação do desempenho escolar, a prova ainda é o recurso mais utilizado.

Salinas (2004) acredita que qualquer profissional do ensino percebe que a avaliação está presente em todos os momentos, tanto no planejamento quanto na prática em sala de aula.

O professor precisa verificar que a avaliação acontece naturalmente e em qualquer momento ou em qualquer atividade que esteja desenvolvendo em sala de aula. A prática avaliativa não acontece sem um objetivo; é preciso que o professor tenha bem definido o que ele está avaliando, quando avaliar e o que fazer com os resultados dessa avaliação. É uma autonomia que o professor terá em sala de aula e em seu planejamento. (SILVA, 2003).

Para Salinas (2004), o ensino fica mais diverso e democrático quando o professor propõe diferentes formas de trabalho, utilizando diferentes instrumentos, para que possa atender às necessidades de todos. Ele precisa compreender que o ambiente de sala de aula é o mais diverso possível e que precisa atender todas às crianças.

Para que o professor possa fazer uma avaliação justa com seus alunos, é preciso traçar critérios e princípios. Além disso, os professores podem estar trocando informações e experiências. (SALINAS, 2004)

Como a avaliação não se restringe apenas em testes e provas, o professor deve avaliar o cognitivo, o atitudinal e o procedimental dos alunos, com trabalhos de pesquisa, provas com consultas, provas práticas, debates, relatórios,

o que possibilita ao professor acompanhar o crescimento desse aluno. (ROMÃO, 1998).

Sobre esse aspecto, Salinas (2004 p. 112) afirma que,

Todos os instrumentos utilizados pelo professor em sala de aula, são válidos e devem ser bem aplicados e direcionados. Os alunos precisam entender o que se deve fazer. Outra maneira de avaliar nossos alunos são os trabalhos cooperativos ou em grupos. Essa avaliação é mais complexa e insegura, mas cabe ao professor direcioná-la. Parece estranho, mas as reuniões com pais também ajudam no momento da avaliação dos nossos alunos.

Com as diversas formas de avaliação o professor pode refletir sobre sua prática, revê-la e reorganizar seus instrumentos de trabalho, permitindo aos alunos se conscientizarem de suas dificuldades e conquistas, podendo assim reorganizar sua tarefa de aprender, é o que afirma Rabelo (1998).

Silva (2003 p. 91) destaca, nesse sentido, que:

A avaliação não é o ponto final, a classificação de cada indivíduo a partir do resultado do processo ensino aprendizagem, pelo contrário, é um conjunto de ações desempenhadas no processo pedagógico que contribui na coleta de dados, no registro de informações, na reflexão sobre o material acumulado e na exposição dos processos efetivados e das possibilidades abertas.

Rabelo (1998) enfatiza que os professores precisam estar em contato com as novidades e mudanças na educação; estar em contato com novas tecnologias, esquecendo aqueles métodos de memorização.

Os professores precisam ter em mente a importância da avaliação e que deve ser aplicada levando-se em consideração o processo e o desenvolvimento do aluno, sem esquecer de focar as habilidades individuais de cada um, revendo sempre suas atitudes em sala, para que ocorra um crescimento em ambos os lados. (ROMÃO, 1998 p. 101). Sobre esse aspecto, afirma que:

É através da avaliação que o professor pode perceber o que foi e o que não foi assimilado pelo seu aluno, levando em consideração seus ritmos e potencialidades. A sala de aula acaba virando um local de investigação, tanto para os professores como para os alunos. (p. 101)

2.3 A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA PROPOSTA CURRICULAR

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, MEC, SEF, 1997) compreendem a avaliação como algo integrante no processo educacional. Para o professor, a avaliação é como uma reflexão da sua prática; para o aluno é o reconhecimento de suas conquistas, aprendizagens e dificuldades.

O PCN divide a avaliação em três etapas: *a investigativa* – o professor investiga o que o aluno já sabe; *a inicial* – o professor colhe as informações necessárias para gerar novos conhecimentos e *a contínua* em que o professor acompanha todo o processo do aluno.

É preciso que o professor utilize diferentes maneiras para avaliar seu aluno, de modo a perceber as diferentes habilidades e aptidões. Este documento afirma ainda que:

A auto – avaliação é uma situação de aprendizagem em que o aluno desenvolve estratégias de análise e interpretação de suas produções e os diferentes procedimentos para se avaliar. É necessário que se estabeleçam expectativas de aprendizagens dos alunos em consequência do ensino, que devem se expressar nos objetivos, nos critérios de avaliação propostos e na definição do que será considerado como testemunho de aprendizagem. (p. 86)

O Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal (DISTRITO FEDERAL, SEE, 2002), também dá uma grande importância à avaliação, pois é um documento que norteia o trabalho do professor, tendo como horizonte o desenvolvimento integral do aluno. Com base nisso, o currículo mostra que a avaliação deve ser integral e processual, levando em consideração todos os aspectos do aluno. Acredita que a avaliação não acontece somente no momento da prova, mas sim em todas as atividades que o professor desenvolve em sala. Continuando, pode-se ler nesse documento:

A avaliação, portanto, é baseada na confiança, na possibilidade de os educandos construírem suas próprias verdades, além de valorizarem suas manifestações e seus interesses. Deve ser indissociável da ação educativa, observadora e investigativa, considerada como mais uma oportunidade que favorece e amplia as possibilidades de aprendizagens significativas do aluno. (p. 171)

O Currículo da Educação Básica visa à avaliação como um processo, que é preciso considerar a diversidade e o ritmo de todos os alunos, avaliando a individualidade de cada um.

2.4 TIPOS E FUNÇÕES DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor quanto dos alunos. Trata-se, portanto, de uma tarefa complexa que não se resume na realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. (Sousa, 1991)

Para Libâneo (1994), a avaliação é uma tarefa necessária e constante na prática docente, que deve estar junto no processo de ensino aprendizagem. A avaliação é uma reflexão do trabalho do professor e do aluno. Assim a avaliação desempenha três funções: pedagógico-didático, de diagnóstico e de controle, que segundo o autor compreendem:

A função *didático-pedagógico*: diz respeito ao papel da avaliação no cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar; os resultados de processo de ensino evidenciam o atendimento e não das finalidades sociais da educação relacionadas as transformações sociais.

A função *diagnóstica*: permite identificar dificuldades e progressos dos alunos e da atuação do professor; ocorre no início, durante e ao final do desenvolvimento das aulas ou unidades didáticas.

A função de *controle*: refere-se aos meios e à frequência das verificações e de qualificação dos resultados, possibilitando o diagnóstico das situações didáticas.

Relacionadas a essas três funções Souza (1991), destaca três modalidades da avaliação: diagnóstica, formativa e somática, conforme se explica a seguir:

A avaliação *diagnóstica* é aquela avaliação feita no início da etapa letiva, onde o professor constata se os alunos apresentam ou não domínio dos conte

údos pré-requisitos, isto é possuem os conhecimentos ou habilidades indispensáveis para novas aprendizagens.

A avaliação *formativa*, com função de controle, acontece durante todo o período letivo, com o objetivo de verificar se os alunos estão atingindo os objetivos previstos. Essa modalidade pode ser utilizada como um recurso de ensaio e como fonte de motivação. É, principalmente, através da avaliação formativa que o aluno conhece seus erros e acertos.

A avaliação *somática* acontece no final de um curso, período letivo ou unidade de ensino, e consiste em promover os alunos de acordo com os níveis de aproveitamento, tendo em vista sua promoção de uma série para outra.

Essas três formas de avaliação estão inteiramente ligadas, o que garante a eficiência no processo ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO III

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

Para a realização dessa pesquisa segui a linha da pesquisa qualitativa, desenvolvendo um estudo exploratório e descritivo

Segundo Lüdke e André (2005, p. 12), a pesquisa qualitativa em educação “supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada”. Para as autoras, “o material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações e acontecimentos”. Sobre este aspecto, elas afirmam:

Todos os dados são de extrema importância na pesquisa qualitativa. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observados.(p.12)

Continuando essas autoras afirmam que, “a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada”.

Segundo Gonsalves (2005) o estudo exploratório se caracteriza pelo esclarecimentos de idéias, com o objetivo de oferecer uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado.

Os estudos descritivos têm com objetivo, segundo Gonsalves (2005) descrever as características de um objeto de estudo.

Segundo Lüdke e André (2005) a preferência pela pesquisa qualitativa se dá devido o espaço natural, seguida de informações descritivas, com um plano aberto e flexível.

3.2 LOCAL E PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola particular de ensino: Colégio Dom José, situada no Lago Sul. Participaram da pesquisa 05 professores que atuam na 1ª série do Ensino Fundamental.

Baseando-se nas entrevistas e documentos, o perfil socioeconômico dessa comunidade é de classe média/alta, onde suas estruturas físicas estão em perfeitas condições.

3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Para a coleta de dados foram utilizadas técnicas como as entrevistas informais, complementadas com questionários com questões abertas provocando as manifestações dos sujeitos. Foram utilizadas também observações informais com visitas na escola.

Segundo Lüdke e André (2005, p.34), “a entrevista é uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais”.

A grande vantagem da entrevista sobre as outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informação e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima. Pode também, o que torna particularmente útil, atingir informações que não poderiam ser atingidos por outros meios de investigação.(p.34)

“Há uma série de exigências e de cuidados requeridos por qualquer tipo de entrevista. Em primeiro lugar, um respeito muito grande pelo o entrevistado”, com afirmam Lüdke e André, (2005), observando que “esse respeito envolve desde um local e horário marcado e cumprido de acordo com sua convivência até a perfeita garantia do sigilo e anonimato em relação ao informante, se for o caso”.

Para a análise de dados segue-se uma abordagem qualitativa, onde as informações são analisadas a partir das descrições dos professores, situações

e acontecimentos, atentando-se para o maior número de detalhes em suas manifestações. Assim a análise de dados enfatiza a reflexão sobre a qualidade das informações coletadas.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisas de campo e tece algumas reflexões/discussões sobre os mesmos. Conforme mencionado anteriormente, a pesquisa foi realizada em uma escola particular, onde participaram 05 professores. Para melhor compreensão dos dados da pesquisa os organizamos em tópicos conforme os objetivos e questionamentos feitos aos professores.

4.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS PARTICIPANTES

A maioria dos professores possui uma formação acadêmica superior, sendo que todos possuem o curso de magistério. Quanto ao tempo de atuação em sala de aula é de 4 a 20 anos. Nenhum professor possui uma especialização.

4.2 CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO ENTRE OS PROFESSORES

Para compreender melhor as concepções de avaliação entre os professores, questionamos: “o que você entende por avaliação escolar?” Refletindo sobre as respostas observamos que para a maioria dos professores a avaliação é um processo contínuo, onde através da mesma podemos perceber o que foi assimilado ou não pelo aluno, podendo assim retomar os conteúdos.

A respeito desse assunto parece relevante a resposta de um dos professores sobre o conceito de avaliação:

“Avaliação escolar é um processo contínuo, que tem início no primeiro dia de aula e está presente em todas as atividades, dentro e fora da classe (professor 2).”

O pensamento desse professor é similar ao que diz Rabelo (1998, p.12), destacando que a avaliação deve estar presente em todos os momentos de aprendizagem e não somente em provas e testes.

As respostas dos outros professores também possuem uma relevância no sentido de entendermos o que passa nas escolas. Dizem os professores:

“Avaliar é a maneira pela qual podemos perceber o que a criança assimilou e/ou o que temos que retomar (professor 4)”.

“Vejo avaliação como parte do processo de ensinar e aprender mediando-os (professor 5)”.

Observamos, contudo, concepções ainda “tradicionais” que reduzem avaliação em um processo de medida de conhecimentos como se pode observar na fala de um dos professores, onde a avaliação é utilizada como forma de medir a capacidade dos alunos e de se pontuar, enfatizando notas e menções.

“Entendo que esta é uma forma de medir a eficiência do processo ensino aprendizagem (professor 3)”.

A fala desse professor vai a contradição ao que diz Luckesi (2003,p.31), afirmando que a avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar, equivocadamente, sendo a tirana de prática educativa, que ameaça e submete a todos. A avaliação não deve ser utilizada como um instrumento de medir o conhecimento do aluno.

4.3 COMO E QUANDO ACONTECE A AVALIAÇÃO EM SUAS AULAS?

Analisando as respostas sobre esse questionamento, podemos perceber que a avaliação acontece em todos os momentos em sala de aula, ou seja,

diariamente, visando à construção e a reconstrução do conhecimento. Os professores em geral foram muito objetivos em suas respostas. Contudo, um manifesta de forma mais elaborada seus pensamentos:

“Não encaro a avaliação como um esteriótipo. A avaliação não deve ser um fim em si mesma ou utilizada para apenas, medir as dificuldades de aluno. A avaliação deve aparecer acompanhada de um diálogo franco, onde a não compreensão de determinado conteúdo pelo aluno, seja visto como uma busca de soluções em conjunto. Ela então, acontecerá tranquilamente com incentivo de o aluno poder emitir opiniões (nem sempre permitida) críticas ou novos conceitos. O primordial é valorizar suas ações para chegar ao conhecimentos (professor 2).”

Os pensamentos deste professor parece incluir o que diz Rabelo (1998, p.12):

A avaliação é utilizada como um instrumento de *feedback*. O *feedback* é a troca, o retorno de algo que foi dito ou transmitido, onde há uma interação entre professor/aluno. O processo da avaliação acontece como elemento integrador e motivador e não como um instrumento de ameaça, pressão ou até mesmo terror. Na sala de aula a avaliação abrange o desempenho do aluno e do professor.

4.4 MANEIRAS IDEÁIS PARA AVALIAR: OPINIÕES DOS PROFESSORES

Buscando conhecer melhor as metodologias adotadas pelos professores, fizemos o seguinte questionamento: quais as maneiras ideais para avaliar seu aluno?

As respostas para esse questionamento foram diferentes entre os professores, como ilustram as seguintes manifestações:

“Não acredito em uma maneira ideal. Depende do que se quer ou o que se espera do seu aluno. No entanto gosto de avaliações contextualizadas (professor 4).”

“Pode ser individual ou em grupo, oral ou escrita, trabalhos, debates, provas operatórias e exercícios (professor 5).”

“Durante o desenvolvimento das atividades (professor1).”

“A melhor maneira de avaliar é no dia-a-dia, onde acompanhamos o desenvolvimento dos educando e percebemos se, como mediadores, estamos contribuindo de maneira eficaz para o crescimento deles (professor 3).”

A fala desses professores nos faz retomar os pensamentos de Salinas (2004 p. 112), o ensino fica mais diverso e democrático quando o professor propõe diferentes formas de trabalho, utilizando diferentes instrumentos, para que possa atender às necessidades de todos. Ele precisa compreender que o ambiente de sala de aula é o mais diverso possível e que precisa atender todas às crianças.

Os professores entrevistados parecem ter conhecimento dessa situação. Como podemos observar ainda as falas dos professores estão de acordo com Luckesi (2003) que sugere alternativas para auxiliar na avaliação tais como: testes, questões dissertativas, falas dos educandos, exposições, demonstrações, teatralização, participação na vida cotidiana da sala de aula etc.

4.5 OS ASPECTOS CONSIDERADOS PELOS PROFESSORES NO MOMENTO DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Analisando as respostas dos professores observa-se sobre tal questão, entre outros aspectos a individualidade, a participação, a segurança, o nível de maturidade, a realidade que está inserido e a evolução do aluno. Assim disseram os professores:

“A individualidade dos educandos e a realidade que eles estão inseridos (professor 3).”

“É importante ficar atento á evolução do aluno e não no resultado final. O aluno deve ser estimulado a entender o erro como tentativa e autonomia e não como fracasso (professor 5).”

“O dinamismo, a participação, segurança, confiança e nível de maturidade e desenvolvimento do aluno (professor 2).”

Ao olhar para essas manifestações lembramos ROMÃO (1998 p. 101) ao afirmar que:

É através da avaliação que o professor pode perceber o que foi e o que não foi assimilado pelo seu aluno, levando em consideração seus ritmos e potencialidades. A sala de aula acaba virando um local de investigação, tanto para os professores como para os alunos.

4.6 OS CRITÉRIOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES NO MOMENTO DA AVALIAÇÃO

Em dado momento, questionamos os professores sobre os critérios utilizados para o planejamento de suas avaliações. De modo geral, os professores afirmaram que buscam questões contextualizadas, sem se limitar às questões mecânicas de memorização. A respeito desse assunto consideramos realmente relevante as respostas dos professores:

“Verifico a relevância dos assuntos ou temas a serem avaliados e procuro fazê-las de forma que não sejam vinculadas a perguntas-respostas com ênfase na memorização. Procuro usar recursos que levem o educando a se expressar demonstrando que os conceitos trabalhados foram efetivamente aprendidos (professor 3).”

“Procuro planejar avaliações que não se limitam a questões mecânicas de memorização e sim de analisar, comparar, localizar, resumir, etc. (professor 5).”

Conforme se pode observar, esses professores parecem conscientes de uma prática crítica frente à avaliação da aprendizagem, coincidindo com os pensamentos de Silva (2003, p.53) ao relatar que os professores precisam reconstruir suas posturas em relação à avaliação e romper com a cultura da me

morização, classificação, seleção e exclusão. Mesmo muitos professores buscando uma nova avaliação do desempenho escolar, a prova ainda é o recurso mais utilizado.

4.7 ATITUDES DOS PROFESSORES PERANTE O “FRACASSO” DOS ALUNOS

Para compreender melhor as atitudes dos professores perante o “fracasso” de seus alunos fizemos o seguinte questionamento: “ao verificar que o educando saiu-se mal em uma avaliação, o que você faz?”.

De maneira geral, as opiniões dos professores foram parecidas no que diz respeito à “retomada” do conteúdo com o aluno. Em outros aspectos elas se divergem, onde foi dito que é preciso que faça com que o aluno compreenda que o erro faz parte do processo ensino-aprendizagem e que precisa-se analisar a situação, podendo assim dar uma nova “chance” ao aluno.

Podemos perceber isso na fala dos professores:

“Este saiu-se mal é uma etapa natural dentro do processo de aprendizagem. O importante é fazer a interferência necessária para a superação da dificuldade (professor 5)”.

“Analiso a situação, procurando detectar as possíveis causas. Se uma delas for problemas de aprendizagem, volto no assunto, abordando-o de maneira diferente, até que seja bem compreendido (professor 3)”.

“Seguramente lhe darei mais uma chance. Quem sabe neste dia, ele não teria sido acometido de alguma indisposição ou alguma emoção menos agradável (professor 2).”

Diante dessas considerações, observamos certa coerência no pensamento e prática dos professores sobre a avaliação da aprendizagem, coincidindo novamente com uma postura crítica parecendo confirmar o que diz Salinas (2004 p. 81) ao destacar que o objetivo da avaliação é comprovar o que o alu-

no aprendeu ou não, criando instrumentos que facilitam essa aprendizagem e continua afirmando que:

O que não podemos é confundir avaliação com nota, muitos utilizam essas palavras como sinônimas. Nota é apenas uma maneira, dentre muitas, de expressar os resultados de uma avaliação. É um símbolo de conclusão de uma etapa do processo de aprendizagem e só tem valor se representar a aprendizagem realizada.

4.8 ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Em meio à entrevista perguntamos quais eram os aspectos positivos e negativos encontrados no momento do processo de avaliação. Entre os aspectos positivos foram citados o respeito e a individualidade, a questão de não enfatizar a memorização e a possibilidade de retomar um conteúdo quando preciso. As seguintes falas dos professores ilustram essa situação:

“O respeito e a individualização do aluno. Coerência entre ensinar e avaliar.” (professor5)

“Justamente a questão de não dar ênfase na memorização.” (professor3)

“Saber o que foi sistematizado pela criança e o que devemos retomar.” (professor4)

“Considero como aspectos positivos a oportunidade de retomada de conteúdo, pois a mesma acontece diariamente fazendo com que o professor observe e conduza de maneiras diferenciadas a aprendizagem.” (professor2)

Em relação aos aspectos negativos, os professores relataram a dificuldade de contemplar todos os conteúdos nas avaliações e de serem “obrigados” a dar uma menção a cada etapa letiva, como ilustram essas falas:

“O Sistema Educacional que nos obriga muitas vezes a dar nota ou conceitos no fim da etapa e correr para concluir o conteúdo programado.” (professor5)

“Nem sempre a avaliação contempla todos os aspectos cognitivos.” (professor4)

É interessante observar aqui, novamente a visão crítica de alguns professores e suas inquietações frente ao fracasso da avaliação. A nota, na verdade, parece contradizer-se com uma avaliação vista sob juízo de valor que nem sempre é qualificável. Destacam-se ainda as dúvidas sobre o que avaliar frente aos conteúdos.

4.9 A SITUAÇÃO DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Refletindo sobre as opiniões e as sugestões apresentadas pelos professores acerca de sua formação, podemos analisar que alguns deles tiveram uma formação de forma tradicional, quantitativa e punitiva. Com a formação continuada puderam perceber que a avaliação deve acontecer como processual. Outros professores disseram que sua formação teve uma cobrança maior do que a de hoje.

Como sugestões para a melhoria da avaliação da aprendizagem, foram apresentadas as seguintes idéias:

“Que ela aconteça de maneiras variadas, promovendo a equidade no processo. Nós educadores temos que respeitar a individualidade dos alunos, dando-lhes oportunidades de conhecerem suas habilidades para melhor desenvolvê-las (professor 3).”

“Ficar atentos durante todo o processo educativo aos objetivos, ao perfil do aluno, a multiplicidade de mecanismos, tendo como centro do processo o aluno (professor 5).”

Esses professores parecem ter razão quanto à formação que recebem que parece contraditória ao que desejam fazer de forma mais qualitativa e crítica

ca. Sabemos que o professor precisa inovar na sala de aula, onde avalie seus alunos como um todo e não em partes fragmentadas. Sobre isso Rabelo (1998) enfatiza que os professores precisam estar em contato com as novidades e mudanças na educação; estar em contato com as novas tecnologias, esquecendo aqueles métodos de memorização. Daí a importância de novas perspectivas na formação de professores, que pelo visto, parece ser ainda um problema.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo se propôs refletir sobre avaliação da aprendizagem. Nesse sentido, partimos do objetivo geral de analisar como acontece atualmente a avaliação da aprendizagem nas escolas das séries iniciais do Ensino Fundamental, com vistas a oferecer subsídios que possam colaborar com o processo educativo. Para tanto foram realizadas um estudo bibliográfico e uma pesquisa de campo sob uma perspectiva qualitativa.

O assunto discutido reforçou a idéia inicial de que a prática da avaliação da aprendizagem é uma questão muito relevante e é preciso um estudo mais aprofundado do mesmo.

Ao realizarmos a pesquisa de campo, observamos que realmente, conforme dizem os estudiosos do assunto, a exemplo dos autores citados no referencial teórico desse estudo, grande parte dos professores entrevistados avalia seus alunos de maneira contínua e sistemática, enfatizando o processo de aprendizagem. Há, contudo, professores também continuam avaliando seus alunos de maneira tradicional, onde utiliza a avaliação como instrumento de medir e classificar os alunos.

Quanto à formação dos professores, eles relataram que receberam uma formação tradicional, quantitativa e punitiva. Com uma formação continuada puderam se adaptar a nova maneira de avaliar seus alunos. Nesse sentido, lembramos Rabelo (1998) quando enfatiza que os professores precisam estar em contato com as novidades e mudanças na educação; estar em contato com novas tecnologias.

Pode-se concluir que os professores precisam de um cuidado maior na maneira de avaliar, diferenciando o trabalho e enfatizando as diferentes habilidades dos alunos. A avaliação deve acontecer no dia-a-dia da sala de aula, levando em consideração os aspectos.

Apesar de termos observado uma situação favorável à realização de uma avaliação crítica e contínua, acreditamos que esta deve ser melhor traba

lhada com os professores, buscando um aperfeiçoamento, para que possam estar em contato com novas tecnologias tendo assim uma formação continuada.

Além da formação continuada, o professor deve estar envolvido com seus alunos, buscando assim uma boa relação, onde o aluno possa expor e refletir sobre as práticas avaliativas.

Para concluir, destacamos que essa pesquisa deve ser ampliada, por ser um tema de grande importância e com grandes lacunas em sua aplicação. Posteriormente devem ser aprofundada, proporcionado assim, instrumentos para contribuir no processo de avaliação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DISTRITO FEDERAL. Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal: Ensino Fundamental-1ª a 4ª série. Secretaria do Estado da Educação. SEE/ 2.ed. Brasília: 2002.

FERREIRA, Lucinete. Retratos da avaliação. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

GONSALVES, Elisa Pereira. Iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2000.

LIBANEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem na escola: reeleborando conceitos e recriando a prática. Salvador: Malabares, 2003.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas. 9. ed. São Paulo: EPU, 2005.

PERREMOND, Philippe. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Medicas, 1999.

RABELO, Edmar Henrique. Avaliação: novos tempos novas práticas. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

RIBEIRO, Antônio Carrilho. Planificação e avaliação do ensino aprendizagem. São Paulo: Universidade Aberta, 2000.

ROMÃO, José Eustáquio. Avaliação Dialógica: desafios e perspectivas. Vol.2. São Paulo: Cortez, 1998.

SALINAS, Dino. Prova Amanhã! A avaliação entre a teoria e a realidade. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, Jassen Felipe. Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo. Porto Alegre: Mediação, 2003.

SOUSA, Clarilza Prado de. (org). Avaliação do regimento escolar: formação e trabalho pedagógico: Coleção Magistério. Campinas, SP: Papirus, 1991.

APÊNDICE

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA
ALUNA: PAULA ARAGÃO HASTENREITER DE SOUZA
DATA: ____/____/ 2007.

Roteiro de entrevista sobre o tema: AVALIAÇÃO: UM CAMINHO PARA A APRENDIZAGEM

Prezado professor,

Como parte da fase final do curso de graduação – Pedagogia Séries Iniciais do Ensino Fundamental do UniCEUB, estou realizando uma pesquisa sobre Avaliação da Aprendizagem nas escolas. Nesse sentido, gostaria de contar com a sua colaboração respondendo esta entrevista/questionário. Não é necessário identificar – se. Obrigado pela colaboração.

Dados de identificação

Formação: _____

Tempo de Magistério: _____

Série em que atua: _____

Escola pública ☐

Escola particular ☐

Pontos da entrevista

1 – O que você entende por avaliação escolar?

2 – Como e quando acontece a avaliação nas suas aulas?

3 – Em seu ponto de vista, quais são maneiras ideais para realizar uma avaliação da aprendizagem?

4 – Para você, que aspectos devem ser levados em consideração no processo de avaliação?

5 – Ao verificar que o educando saiu-se mal em uma avaliação, o que você faz?

6 – Quando você planeja suas avaliações, quais são os seus critérios para avaliar a aprendizagem?

7 – Quais os aspectos positivos que você considera em seu processo de avaliação?

8 – E os aspectos negativos? Que dificuldades você enfrenta para avaliar seus alunos?

9 – Como a formação inicial e a continuada que você recebeu e recebe contribuiu para o processo avaliativo de aprendizagem? Aponte sugestões para formação dos professores no sentido de contribuir para a melhoria do processo avaliativo.

10- Faça algumas sugestões para a melhoria da avaliação da aprendizagem.
